



A FADA DAS TREVAS

LIVRO 1

AUTORA SENSÇÃO DA FANTASIA YA
HOLLY BLACK

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso e negligência

Abuso sexual

Álcool e drogas

Homofobia

Morte

Racismo


Rapto

Sangue e cenas gráficas

Tortura

Violência

Para a minha irmã mais nova Heidi



*E agradável é a Terra das Fadas,
Mas há um mistério a contar,
Ao fim de sete anos
Ao inferno precisamos de pagar;
Com a minha aparência e tamanho,
Temo ser o tributo que vão entregar.*

— JOVEM TAM LIN



*E o malte fez mais do que Milton poderia
Para justificar os desígnios de Deus para o homem.*

— A. E. HOUSMAN, «TERENCE, THIS IS STUPID STUFF»

Kaye deu outra passa no cigarro e atirou-o para dentro da garrafa de cerveja da mãe. Achou que seria um bom teste para ver o quanto Ellen estaria bêbeda... para ver se ela engoliria uma beata inteira.

Eles ainda estavam no palco, Ellen e Lloyd e a restante banda Stepping Razor. Fora uma apresentação má e, ao vê-los desmontar o equipamento, ela percebeu que eles o sabiam. Não fez diferença, o equipamento de som soou alto e muito agudo, e toda a gente ficou a beber e a fumar e a gritar, e ela duvidava de que o gerente se importasse. As pessoas até tinham dançado um pouco.

O empregado do bar encarou-a novamente e ofereceu-lhe uma bebida «por conta da casa».

— Leite — disse Kaye, com um meio sorriso, puxando para trás o cabelo louro e desgrenhado e roubando algumas caixas de fósforos quando ele virou costas.

A mãe apareceu a seu lado e deu um longo gole na cerveja antes de cuspir tudo para cima do balcão.

Kaye não conseguiu conter a gargalhada cruel que lhe escapou dos lábios. A mãe olhou para ela, incrédula.

— Vai ajudar a carregar o carro — disse Ellen, com a voz rouca de ter estado a cantar. Afastou o cabelo húmido do rosto. O batom tinha saído da parte de dentro dos lábios, mas continuava presente nos cantos da boca, meio borrado. Parecia cansada.

Kaye saiu do balcão e saltou para o palco com um movimento habilidoso. Lloyd lançou-lhe um olhar furioso quando ela começou a pegar em coisas aleatórias e, por isso, Kaye decidiu apenas concentrar-se no que pertencia à mãe. O olhar dele estava vidrado.

— Ei, miúda, tens dinheiro contigo?

Kaye encolheu os ombros e pegou numa nota de dez dólares. Tinha mais e era provável que ele soubesse; ela viera diretamente do Chow Fat's. Entregar comida podia não render muito, mas, mesmo assim, pagava melhor do que ser membro de uma banda.

Ele aceitou o dinheiro e dirigiu-se ao bar, provavelmente para comprar cerveja para a viagem.

Kaye arrastou um amplificador pelo meio da multidão. A maioria das pessoas desviou-se do seu caminho. O ar fresco de outono que se sentia lá fora foi um alívio, mesmo cheirando mal, a ferro e gases de escape e a metro. Para Kaye, a cidade sempre cheirara a metal.

Assim que o equipamento ficou guardado, ela voltou para dentro com a intenção de enfiar a mãe no carro antes que alguém partisse a janela e roubasse alguma coisa. Não se podia

deixar nada dentro de um veículo na Filadélfia. Da última vez que o carro de Ellen fora arrombado, fizeram-no para levar um casaco em segunda mão e um saco com toalhas.

A rapariga que verificava a identificação à porta franziu a testa para Kaye agora que ela se encontrava sozinha, mas, ainda assim, deixou que ela entrasse. Afinal, era tarde, quase hora de fechar. Ellen ainda estava ao balcão, a fumar um cigarro e a beber algo mais forte do que cerveja. Lloyd conversava com alguém de cabelo comprido e escuro. O homem parecia demasiado bem vestido para o bar. Devia ter pagado uma rodada, porque Lloyd tinha o braço no ombro dele, e Lloyd não costumava ser um tipo simpático. Ela vislumbrou os olhos do homem. Eram amarelos, como os de um gato, e refletiam a luz suave. Kaye arrepiou-se.

No entanto, às vezes, Kaye via coisas estranhas. Aprendera a ignorá-las.

— O carro está pronto — disse Kaye à mãe.

Ellen assentiu sem lhe prestar atenção.

— Podes dar-me um cigarro, querida?

Kaye apanhou um maço da mochila estilo militar e tirou dois cigarros, oferecendo um à mãe e acendendo o outro.

A mãe inclinou-se para perto, o cheiro a uísque e cerveja e suor era tão familiar quanto qualquer perfume.

— Beijo de cigarro — disse a mãe de um modo pateta, que tanto era embaraçoso como querido, tocando com a ponta do seu cigarro na ponta vermelha do de Kaye e inspirando fundo. Duas passas e o cigarro ganhou vida.

— Prontas para voltar para casa? — perguntou Lloyd. A voz soou suave, quase decadente. Não a voz normal de idiota do Lloyd. De todo.

Ellen pareceu não reparar em nada. Engoliu o que restava da bebida.



— Claro.

Um momento depois, Lloyd avançou em direção a Ellen a uma velocidade que só poderia significar violência. Kaye reagiu sem pensar e atirou-se a ele. Foi provável que tivesse sido a bebedeira que permitiu que o pouco peso dela fosse o suficiente para o desequilibrar. Mas resultou. Ele quase caiu e, num esforço para se equilibrar, largou o que estava a segurar. Ela só viu a faca quando esta tilintou ao cair no chão.

O rosto de Lloyd parecia completamente vazio, desprovido de emoções. Os olhos estavam arregalados, e as pupilas, dilatadas.

Frank, o baterista da Stepping Razor, agarrou no braço de Lloyd, que teve apenas tempo de lhe dar um murro na cara antes que outros clientes o derrubassem e alguém chamasse a polícia.

Quando a polícia chegou, Lloyd não se conseguia lembrar de nada. Mas estava furioso, a amaldiçoar Ellen a plenos pulmões. A polícia levou Kaye e a mãe para o apartamento de Lloyd e esperou que a rapariga arrumasse as roupas e outras coisas de ambas em sacos do lixo. Ellen estava ao telefone, a tentar encontrar um lugar onde pudessem dormir.

— Querida — disse Ellen, por fim —, vamos ter de ir para casa da avó.

— Ela disse que não fazia mal? — perguntou Kaye, enfiando os vinis da Grace Slick num caixote de laranjas vazio. Desde que deixaram Nova Jersey, há seis anos, nunca a tinham visitado uma única vez. Ellen mal falava com a mãe nos feriados antes de passar o telefone a Kaye.

— Mais ou menos. — Ellen parecia exausta. — Será por pouco tempo. Vais poder visitar aquela tua amiga.

— A Janet — disse Kaye. Ela esperava que fosse de quem Ellen estivesse a falar. Esperava que a mãe não a estivesse

a provocar. Se ela tivesse de ouvir outra história sobre Kaye e os seus amigos imaginários adoráveis...

— Aquela a quem envias emails da biblioteca. Dás-me outro cigarro, querida? – Ellen atirou uns quantos CDs para dentro do caixote.

Kaye pegou num casaco de couro de Lloyd, do qual sempre gostara e acendeu um cigarro para a mãe no fogão. Não fazia sentido desperdiçar fósforos.



*Coercivo como um coma, frágil com insinuações
em flor da sua alvorada inversa
inunda o eu;
todos os nossos corpúsculos se transformam num elfo.*

— MINA LOY, «MOREOVER, THE MOON», *THE LOST LUNAR BAEDEKER*

Kaye rodopiou devagar pelas tábuas cinzentas e gastas do passadiço. O ar estava pesado e tresandava a mexilhões secos e à crosta de sal do cais. As ondas lançavam-se contra a costa, arrastando lodo e areia entre os seus dedos ao voltar lentamente para o mar.

No céu, a lua estava alta e pálida, mas o sol ainda se estava a pôr.

Era tão bom poder *respirar*, pensou Kaye. Adorava a brutalidade serena do mar, adorava o poder elétrico que sentia com cada lufada de ar húmido e salgado. Rodou mais uma vez,

tonta, sem se importar que a saia subisse acima das meias, à altura das coxas.

— Vamos — chamou Janet. Ela passou por cima da sarjeta inundada e cheia de folhas, cambaleando ligeiramente nos saltos de plataforma grossos. A sua maquilhagem com purpurinas brilhava sob os candeeiros de rua. Janet exalou fantasmas de fumo azul e deu outra passa no cigarro. — Vais cair.

Kaye e a mãe já estavam em casa da avó há uma semana e, embora Ellen continuasse a dizer que partiriam em breve, Kaye sabia que elas não tinham para onde ir. Kaye estava contente. Adorava a grande e antiga casa, coberta de poeira e bolas de naftalina. Gostava da proximidade do mar e do ar que não fazia a garganta arder.

Os hotéis baratos pelos quais Kaye e Janet passavam estavam fechados e cobertos por tábuas, as piscinas, vazias e rachadas. Até os salões de jogos estavam fechados, os prémios nas máquinas de garras ainda visíveis através das janelas de vidro embaciado. Marcas de ferrugem acima da fachada de uma loja abandonada delineavam as palavras CAMELO COM SAL.

Janet vasculhou a sua pequena mala e tirou um gloss de morango. Kaye virou-se na sua direção, o casaco leopardo falso aberto, a meia com um fio puxado. As botas tinham areia até cima.

— Vamos nadar — disse Kaye. Estava eufórica com o ar da noite, que queimava como a lua incandescente. Tudo cheirava a humidade e selvajaria, como antes de uma tempestade, e ela queria correr, rápida e ávida, além do limite do que conseguia ver.

— A água está gelada — disse Janet, com um suspiro. — E o teu cabelo está todo lixado. Kaye, quando chegarmos lá, tens de estar na boa. Não sejas demasiado esquisita. Os rapazes não gostam de gente esquisita.

Kaye fez uma pausa e pareceu ouvir com atenção, os olhos voltados para cima, maquilhados com eyeliner preto, observando Janet com a cautela típica de um gato.

— Como é que eu devo ser?

— Não é que eu queira que sejas de uma certa maneira... Não queres um namorado?

— Para quê chatear-me com isso? Vamos procurar íncubos.

— Íncubos?

— Demónios. — O seu tom de voz baixou, conspiratório — É muito mais provável que os encontremos enquanto estivermos a nadar nuas no Atlântico, uma semana antes do Halloween, do que praticamente em qualquer outro sítio em que consiga pensar.

Janet revirou os olhos.

— Sabes o que é que o Sol parece? — perguntou Kaye. Havia apenas um pouco mais de uma fatia de vermelho onde o mar encontrava o céu.

— Não, o quê? — perguntou Janet, passado o batom gloss a Kaye.

— Parece que cortou os pulsos numa banheira e o sangue se espalhou pela água.

— Que nojo, Kaye.

— E a lua apenas observa. Está só a observá-lo a morrer. Deve ter sido ela quem o levou a fazê-lo.

— Kaye...

Kaye rodopiou outra vez, rindo-se.

— Porque estás sempre a inventar merdas? É isto que quero dizer quando digo «esquisita».

Janet falava alto, mas Kaye mal conseguia ouvi-la devido ao vento e ao som da própria gargalhada.

— Vá lá, Kaye. Lembras-te das fadas sobre quem costumavas contar histórias? Qual era o nome dele?

— Qual deles? Spike ou Gristle?

— Exatamente! Tu inventaste-os! — disse Janet. — Estás sempre a inventar coisas.

Kaye parou de rodar, inclinando a cabeça para um lado e pondo as mãos nos bolsos.

— Nunca disse que não inventei.



O antigo edifício do carrossel estava meio abandonado há anos. Rostos angelicais de chumbo, rodeados por raios de cabelo, dividiam as janelas partidas. Toda a fachada era uma vitrine e revelava o chão de terra, com vidro que cintilava na sujidade. Lá dentro, uma rampa de skate rudimentar de contraplacado era a única coisa que restava da tentativa de explorar comercialmente a construção, na década anterior.

Kaye ouviu vozes que ecoavam no ar calmo até à rua. Janet atirou o cigarro para a sarjeta. A beata sibilou ao apagar-se e foi rapidamente levada, boiando na água como uma aranha.

Kaye subiu para o parapeito e passou as pernas para o outro lado. A janela já não existia, porém a perna raspou num resto de vidro quando ela entrou, rasgando ainda mais a meia.

Camadas de tinta cobriam os ornamentos outrora complexos dentro do edifício do carrossel. A rampa, no centro da divisão, fora marcada por artistas locais e coberta por autocolantes de bandas e gatafunhos de caneta esferográfica. E, depois, havia os rapazes.

— Kaye Fierch, lembras-te de mim, certo? — Riu-se Doughboy. Ele era baixo e magro.

— Acho que atiraste uma garrafa à minha cabeça no sexto ano.

Ele riu-se de novo.

— Certo. Certo. Já me tinha esquecido. Não continuas zangada, pois não?

— Não — disse ela, mas o seu bom humor desaparecera. Janet subiu para o cimo da rampa de skate, onde Kenny estava sentado, um rei com um casaco de aviator prateado, observando a cena que se desenrolava. Atraente, com cabelo escuro e olhos ainda mais escuros. Ergueu uma garrafa de tequila quase cheia em sinal de cumprimento.

Marcus apresentou-se com um aceno da garrafa da qual bebia, fingindo atirá-la antes de deixar que ela a segurasse. Um pouco de líquido derramou-se na manga da sua camisa de flanela.

— Bourbon. Essa merda é cara.

Ela forçou um sorriso. Marcus retomou a tarefa de cortar um charuto. Mesmo curvado, ele era um rapaz grande. A pele castanha da sua cabeça cintilava, e ela viu o sítio onde ele se devia ter cortado ao fazer a barba.

— Trouxe-te alguns doces — disse Janet a Kenny. Ela tinha levado gomas e rebuçados de amendoim.

— *Trouxe-te alguns doces* — gozou Doughboy com uma voz aguda e estridente, saltando na rampa. — Dá cá — exigiu.

Kaye caminhou pelo espaço. Era magnífico, velho e decadente e ótimo. O lento ardor do bourbon na garganta era perfeito para aquele lugar, o tipo de coisa que um homem de fato de verão, que usava sempre chapéu, poderia beber.

— Que tipo de asiática és tu? — perguntou Marcus. Ele tinha enchido o charuto com erva e estava com uma das pontas na boca. O cheiro denso e doce quase fez com que ela se engasgasse.

Ela deu outro gole da garrafa e tentou ignorá-lo.

— Kaye! Ouviste o que eu disse?

— Sou metade japonesa. — Tocou no cabelo louro, como o da mãe. Era o cabelo que deixava as pessoas perplexas.

— Tipo, já viste os desenhos animados de lá? Há umas rapariguinhas bem pequenininhas de tranças e assim, com uns uniformes escolares bem curtinhos. Nós devíamos ter uns uniformes assim por cá. Já usaste um desses, hum?

— Cala-te, estúpido — disse Janet a rir. — Ela estudou comigo e com o Doughboy na escola primária.

Kenny passou um dedo pela presilha das calças de ganga de Janet e puxou-a para a beijar.

— Ah, bem, fogo. — Marcus riu-se. — Não podes prender o teu cabelo numa trança daquelas só por um bocadinho? Vá lá.

Kaye abanou a cabeça. Não, não o faria.

Marcus e Doughboy começaram a chutar uma garrafa vazia de cerveja. Não se partiu ao bater de bota em bota, mas ouviu-se um som oco. Ela deu outro longo gole de bourbon. A sua cabeça já zumbia de forma agradável, ao ritmo da música imaginária do carrossel. Avançou mais para a penumbra da divisão, até onde umas placas velhas anunciavam pipocas e amendoins por cinco cêntimos cada.

Junto à parede mais distante, havia uma porta escura e envelhecida. Abriu aos solavancos quando ela a empurrou. O luar que entrava pelas janelas da sala principal revelou apenas um escritório com uma mesa antiga e um quadro de cortiça, os menus amarelados ainda lá presos. Entrou, apesar de o interruptor não funcionar. Num canto escuro, encontrou uma maçaneta. Aquela porta levava a umas escadas com pouca luz vinda de cima. Tateou ao subir os degraus. As palmas das mãos ficaram cobertas de pó quando ela as passou pelos corrimões. Espirrou alto, e tornou a espirrar.

No topo, havia uma pequena janela, iluminada pela lua assassina, cheia e enorme no céu. Caixas interessantes estavam empilhadas nos cantos. Então, os seus olhos pousaram

no cavalo e ela esqueceu tudo o resto. Era magnífico: de um branco-pérola e coberto por pequenos pedaços de vidro espedrado. O focinho estava pintado de vermelho e roxo e dourado, e até tinha uma faixa de dentes brancos e uma língua pintada de cor-de-rosa com espaço suficiente para um cubo de açúcar. O motivo do seu abandono era óbvio: os quatro membros e a cauda estavam desfeitos. Lascas pendiam de onde eles deveriam estar.



Gristle teria adorado isto. Desde que saíra de Shore, seis anos antes, que já tinha tido o mesmo pensamento várias vezes. *Os meus amigos imaginários teriam adorado.* Pensou na primeira vez que vira a cidade, iluminada como um Natal eterno. Mas eles nunca a visitaram enquanto ela morou na Filadélfia. E agora, aos 16 anos, sentia que não lhe restava imaginação nenhuma.

Kaye pousou o bourbon no chão poeirento e deixou cair o casaco ao lado da garrafa. De seguida, tentou colocar o cavalo em pé, como se se fosse apoiar nos seus cotos arruinados. Ele oscilou, mas não caiu. Ela passou uma perna sobre o animal e sentou-se na sela, usando os pés para mantê-lo firme. Passou as mãos pela crina, que era entalhada em caracóis dourados. Tocou nos olhos pretos pintados e nas orelhas lascadas.

Na sua mente, o cavalo branco empinou-se nas pernas hesitantes. O corpo volumoso do animal parecia real e quente. Ela entrelaçou as mãos na crina e segurou com força, ciente de um formigueiro ligeiro nos membros. O cavalo relinhou baixinho sob ela, pronto para saltar na água fria e escura. Ela inclinou a cabeça para trás.

— Kaye? — Uma voz baixa arrancou-a do devaneio. Kenny estava estagnado perto das escadas, observando-a, inexpressivo. Embora só por um momento, ela manteve-se firme. Depois, sentiu as bochechas a arder.

Apanhado pela meia luz, ela conseguia vê-lo melhor do que lá em baixo. Duas argolas pesadas e prateadas brilhavam-lhe nos lóbulos das orelhas. O cabelo curto cor de canela estava despenteado e ligeiramente ondulado, combinando com a pera rala no seu queixo. Debaixo do casaco de aviador, a t-shirt branca demasiado apertada exibia o seu corpo.

Ele aproximou-se, esticou a mão e olhou, de seguida, para a própria mão de um modo estranho, como se não se lembrasse de a ter esticado. Então, acariciou a cabeça do cavalo lentamente, de forma quase hipnótica.

— Eu vi-te — disse ele. — Vi o que fizeste.

— Onde está a Janet? — Kaye não estava certa do que ele poderia querer dizer. Até acharia que ele estava a brincar se não fosse a expressão séria dele, o modo lento como falava.

Agora, ele acariciava a crina do animal.

— Ela estava preocupada contigo. — Apesar de tudo, a mão dele fascinava-a. Parecia que ele a estava a emaranhar em cabelo imaginário. — Como é que fizeste o cavalo fazer aquilo?

— Fazer o quê? — Agora ela estava assustada, com medo e, em simultâneo, lisonjeada. No rosto dele, não havia troça nem provocação.

— Eu vi-o levantar-se. — A sua voz soou tão baixa que ela quase poderia fingir que não o tinha ouvido bem. Ele desceu a mão pela sua coxa e subiu-a até às cuecas de algodão.

Apesar de ela ter visto a lenta progressão daquela mão, o toque sobressaltou-a. Por um momento, ficou paralisada antes de dar um salto e deixar o cavalo cair. O animal fez um estrondo, derrubando a garrafa de bourbon. O líquido escuro espalhou-se pelo casaco de Kaye e encharcou a parte de baixo das caixas poeirentas, como a maré a chegar durante a noite.

Ele agarrou-a antes que ela conseguisse reagir, a mão a segurar-lhe a gola da blusa. Ela deu um passo atrás, desequi-

librada, e caiu, a blusa rasgando-se e deixando visível o sutiã quando ele a largou.

Ouviram-se passos nas escadas.

— Que merda é esta? — Marcus apareceu no cimo das escadas com Doughboy, que o tentava empurrar para ver.

Kenny abanou a cabeça e olhou em redor com uma expressão atordoada, enquanto Kaye pegava no casaco molhado de bourbon.

Os rapazes saíram do caminho e Janet apareceu, encarando-os.

— O que aconteceu? — perguntou Janet, olhando confusa, primeiro para um, depois para outro.

Kaye passou por ela, enfiando a mão na manga do casaco enquanto o vestia.

— Kaye! — gritou Janet.

Ela ignorou Janet e desceu as escadas dois degraus de cada vez, no escuro. Não havia nada que pudesse dizer para explicar o sucedido.

Ouviu Janet gritar:

— O que lhe fizeste? Que raio fizeste?

Kaye correu pela sala do carrossel e passou a perna pelo parapeito. Os cacos de vidro que antes tinha evitado fizeram um corte fino na parte externa da coxa quando ela saltou para o chão arenoso e os arbustos.

O vento frio e agradável soprava contra o seu rosto quente.



Cornelius Stone pegou na caixa nova de tralhas de computador e arrastou-a pelo quarto, deixando-a perto das outras. De cada vez que a mãe voltava do mercado de velharias com um monitor rachado, um teclado peganhento ou apenas montes

de fios, ela ficava com aquela expressão esperançosa que fazia Corny querer gritar. Ela não conseguia compreender a diferença entre um 286 e um computador quântico. Não conseguia entender que a era da engenharia de guerrilha estava a chegar, que ser a merda de um gênio não bastava. Era preciso ser a merda de um gênio rico. Ele largou a caixa, deu-lhe três pontapés com força, pegou no casaco de ganga com a cabeça do diabo nas costas e dirigiu-se para a porta.

— Consegues aproveitar aquelas coisas, querido? — A sua mãe estava no quarto de Janet, a dobrar um novo par de calças de ganga em segunda mão. Ergueu uma t-shirt com gatos de pedrinhas brilhantes. — Achas que a tua irmã vai gostar?

— Obrigado, mãe — disse ele, entre dentes. — Tenho de ir trabalhar. — Ele passou pelo Marido, que estava curvado a tirar uma cerveja da grade debaixo da mesa da cozinha. A gata branca passeava pela bancada, com a barriga inchada de outra ninhada, miando por comida enlatada ou pickles ou gelado ou outra coisa qualquer. Ele fez uma festa na cabeça dela, meio contrariado, mas, antes que a gata comesse a esfregar-se contra a sua mão, ele abriu a porta de rede e saiu para o pátio.

O ar fresco de outubro foi um alívio do ambiente fumarento dos cigarros.

Corny adorava o seu carro. Era um Chevy com a cor gasta, cheio de manchas de ferrugem e o forro pendurado, como pele flácida, do teto. Ele tinha consciência da sua própria aparência. Sabia que tinha um nariz grande. Era magricela e alto, com cabelo terrível e pele ainda pior. Fazia jus ao seu nome. Cornelius. Corny. Corno. Mas não no carro. Lá dentro, ele era anónimo.

Todos os dias, nas últimas três semanas, tinha saído um pouco mais cedo para o trabalho. Passava na loja de conveniência e comprava alguma comida. Depois, conduzia sem

destino, pensando em como seria ir por uma estrada e seguir, seguir, seguir, até ficar sem gasolina.

Naquela noite, comprou um café e um pacote de alcaçuz preto. Permaneceu durante algum tempo a folhear um livro com um dragão metálico na capa, leu as primeiras frases, esperando que alguma coisa lhe despertasse o interesse. O jogo estava a tornar-se aborrecido. Pior que aborrecido, fazia com que ele se sentisse ainda mais patético. Faltava quase uma semana para o Halloween, e ele já fazia isto há tempo suficiente para saber que nunca se iria embora realmente. Deu um gole no café e quase o cuspiu. Demasiado doce. Bebeu mais um pouco e preparou-se para o sabor. Nojento.

Corny saiu do carro e despejou o café no chão do estacionamento. Salpicou satisfatoriamente o alcatrão. Entrou e serviu-se de outro copo. Atrás do balcão, uma senhora de cabelo ruivo ondulado olhou para ele e apontou para o seu casaco.

— É suposto seres quem, o diabo?

— Quem me dera — respondeu Corny, deixando um dólar e vinte e cinco no balcão. — Quem me dera.



*As pedras afiadas,
O vento por detrás mim;
Andando pela estrada,
Um gato saltita assim.*

— THEODORE ROETHKE, «PRAISE TO THE END!»

O vento soprou pequenas gotas de chuva para o rosto de Kaye. As gotículas deixaram-lhe as mãos congeladas e fizeram-na tremer ao escorrerem pelo cabelo molhado e para dentro da gola do casaco. Ela foi andando de cabeça baixa, pontapeando o lixo espalhado que tinha voado para a borda da estrada coberta de erva. Uma lata de refrigerante amassada deslizou para um coração de espuma coberto de crisântemos, ali colocado para assinalar o local de um acidente de carro. Não havia casas daquele lado da rua, apenas uma longa extensão de bosque alagado, que levava a uma bomba de gasolina.

Ela estava a meio caminho de casa.

Carros sibilavam no alcatrão. O som era reconfortante, como um longo suspiro.

Eu vi-te. Vi o que fizeste.

O horror contorcia-se nas suas entranhas, o horror e a raiva. Ela queria despedaçar alguma coisa, bater em alguém.

Como é que ela poderia ter feito alguma coisa? Quando ela tentava que uma página de uma revista se virasse sozinha ou que uma moeda caísse com o lado da cara voltado para cima, nunca resultava. Como é que ela poderia ter feito Kenny ver um cavalo de carrossel de pernas partidas a mover-se?

Mais valia assumir que Spike e Lutie e Gristle *tinham sido* imaginários. Ela tinha regressado a casa há duas semanas, mas não havia sinal de nenhum dos três, por mais que os chamasse, por mais que deixasse tigelas de leite do lado de fora da casa, por mais que descesse até ao velho riacho.

Respirou fundo e inalou chuva pelo nariz. Foi como se estivesse a chorar.

As árvores pareciam-se a grades de chumbo, faltando-lhes os vitrais para se encaixarem entre os seus ramos. Ela sabia o que a avó lhe diria quando voltasse com a blusa rasgada e a cheirar a álcool. Coisas verdadeiras.

A mão dele na sua perna era o que realmente importaria para Janet. Isso e o facto de ela ter permitido que a mão dele lá pousasse, mesmo que por apenas um momento. E ela conseguia imaginar o que ele estaria a dizer agora a Janet, vermelho, irritado e bêbedo, mas até uma mentira medíocre soaria melhor do que a verdade.

Eu vi-o levantar-se.

Ela também não conseguiria contradizê-los. Quem acreditaria que ele tocara na sua virilha de propósito, mas que rasgara a blusa sem querer? O que era suposto Kaye dizer quando

Janet perguntasse o que acontecera? Janet já achava que ela era uma mentirosa.

Ela ainda sentia o calor da mão de Kenny, um toque ardente na coxa em contraste com a pele encharcada da chuva. Tinha imensos motivos para se sentir culpada.

Outra rajada de chuva salpicou as suas bochechas, levando consigo um grito, vindo do bosque. O barulho foi breve, mas eloquente na sua dor. Kaye parou de forma abrupta. Não havia mais nenhum som para além da chuva, sibilando como estática vinda de um rádio.

Quando um camião passou disparado, levantando uma nuvem de água, ela ouviu outro som mais baixo, talvez um gemido interrompido no final. Viera logo dali de trás, do limite das árvores.

Kaye desceu o ligeiro declive, saindo da erva baixa, e entrou no bosque. Passou por debaixo dos ramos de um ulmeiro, pisou pequenos tufo de fetos e silvas entrelaçadas. As plantas arranharam-lhe a barriga das pernas e deixaram um rasto de gotas de chuva. O céu iluminado pela tempestade banhava o bosque de um tom prateado. Um cheiro doce a terra e podridão surgiu do sítio onde ela pisou o tapete de folhas.

Não estava lá ninguém.

Começou por se virar para a estrada. Ainda era possível vê-la de onde estava. O que estava ela a fazer? O som deveria ter vindo das casas, do outro lado do riacho estreito que corria por detrás do bosque. Mais ninguém seria estúpido a ponto de andar pelo bosque molhado a meio da noite.

Kaye caminhou de volta para a estrada, pisando os espaços que pareciam mais secos. As suas meias estavam cheias de cardos e ela curvou-se para os tirar.

— Fica onde estás. — Ela sobressaltou-se ao ouvir a voz. O sotaque era carregado e estranho, embora as palavras fossem pronunciadas com precisão.

Um homem, caído na lama a poucos passos dela, segurava numa espada curva com uma das mãos. Brilhava como um rasgo de luar na penumbra. O cabelo comprido e cinzento-prateado estava molhado e pegado ao pescoço, emoldurando-lhe o rosto longo e anguloso. Pequenas correntes de chuva desciam pela armadura preta que usava. A outra mão estava pousada onde estaria o coração, segurando um galho que se projetava do seu peito. Ali, a chuva estava manchada de cor-de-rosa devido ao sangue.

— Foste tu, rapariga? — A respiração era entrecortada.

Kaye não sabia bem o que ele poderia querer dizer, mas abanou a cabeça negativamente. Ele não parecia muito mais velho do que ela. Não a ponto de lhe chamar «rapariga».

— Então não vieste acabar comigo de vez?

Ela tornou a abanar a cabeça. Ele tinha membros longos; seria alto se estivesse de pé. Mais alto do que a maioria das pessoas, mais alto do que qualquer fada que ela alguma vez vira. Ainda assim, ela não tinha dúvidas de que era isso que ele era, pelo simples facto de as orelhas serem pontiagudas, espreitando por entre o cabelo molhado. Também era bonito, de um modo que lhe roubava o fôlego.

Ele passou a língua pelos lábios. Estavam manchados de sangue.

— Que pena — disse ele baixinho.

Ela deu um passo na sua direção e ele agachou-se numa posição defensiva. Mesmo ferido, moveu-se rapidamente. O cabelo caiu-lhe para o rosto, mas os olhos, brilhantes como mercúrio, observavam-na com atenção.

— És uma fada, não és? — disse ela num tom tranquilizador, deixando as mãos onde ele as pudesse ver. Ela ouvira histórias sobre as fadas da corte, os Nobres, contadas por Lutie-loo, mas nunca vira nenhum. Talvez ele fosse um deles.

Ele ficou imóvel, e ela aproximou-se mais um pouco, esticando uma das mãos para o acalmar, como se ele fosse um animal fascinante e perigoso.

— Deixa-me ajudar-te.

O corpo dele tremia em concentração. O seu olhar não se desviou do rosto de Kaye. Segurava o cabo da espada com tanta força que os nós dos dedos se tornaram esbranquiçados.

Ela não ousou dar outro passo.

— Vais esvaír-te em sangue.

E assim ficaram por mais alguns minutos, até que ele apoiou um joelho na lama. Inclinou-se para a frente, os dedos a agarrar folhas caídas das árvores, e cuspiu sangue. As pestanas molhadas sobre os olhos semicerrados eram tão prateadas quanto um alfinete.

Ela avançou dois passos e ajoelhou-se a seu lado, apoiada em mãos trémulas. Assim tão perto, ela viu que a armadura era de couro rígido, esculpido de forma a assemelhar-se a penas.

— Não consigo arrancar a flecha sozinho — disse ele baixinho. — Eles estão à espera que eu sangre mais um pouco para virem enfrentar a minha espada.

— Quem é que está à espera? — Era difícil de compreender que alguém tivesse disparado contra ele um ramo de árvore, mas parecia ser isso que ele estava a dizer.

— Se quiseres ajudar-me, arranca esta flecha. — Os olhos dele apertaram-se e ele abanou a cabeça. — Caso contrário, empurra o mais fundo que conseguires e reza para que me mate.

— Vais sangrar mais — argumentou Kaye.

Ele riu-se do comentário dela, um som cortante.

— De qualquer dos modos, sem dúvida.

No rosto dele, ela conseguia ver desespero. Era óbvio que ele desconfiava de que ela fazia parte de um plano para o matar.



Ainda assim, deslizou o corpo para poder encostar-se ao tronco de um carvalho. Estava alerta, à espera para ver o que ela faria.

Ela pensou nas fadas que conhecera em criança, seres en-diabrados e velozes, sem fazerem menções a guerras, flechas mágicas ou inimigos, e certamente nada sobre enganos. O homem que sangrava na terra a seu lado era um indicador de como as percepções que ela tinha de Faerie estavam equivocadas.

Os dedos dela recuaram para longe da ferida no peito do homem. Os pulmões ficaram gelados quando viu a horrível ferida.

— Não consigo.

A voz dele continuou baixa:

— Como é que te chamam?

— Kaye — respondeu ela. Por um momento, apenas silêncio, enquanto ela reparava na nuvem fria da própria respiração a condensar com a palavra.

— Sou o Roiben. — As fadas não cediam os seus nomes com facilidade, nem mesmo parte dos seus nomes, embora ela não soubesse porquê. Ele estava a tentar mostrar-lhe que confiava nela, talvez fosse uma tentativa de compensar as suposições que fizera. — Dá-me a tua mão.

Ela deixou que ele a segurasse e a guiasse até ao galho. A pele de Roiben estava fria e molhada, os dedos longos, que não pareciam humanos e eram ásperos na sua calosidade, fecharam-se sobre os de Kaye.

— Fecha a tua mão assim, em torno da flecha, e deixa-me puxar — instruiu ele. — Nem precisas de olhar. Desde que não lhe toque, talvez eu consiga arrancá-la.

Aquilo envergonhou-a. Ela dissera-lhe que queria ajudar, ele estava cheio de dores e não era altura para ela ser sensível.

— Eu faço-o — decidiu ela.

Roiben largou-a e ela puxou com força. Apesar de o rosto dele se contrair de dores, o ramo apenas se moveu um pouco.

Ele deixou escapar um gemido baixo.

Haveria realmente outras fadas nas árvores à espera de que ele se enfraquecesse a ponto de ser derrotado? Kaye achava que, se fosse verdade, aquela seria uma ótima altura para descerem e tentarem.

— Outra vez, Kaye.

Ela reparou no ângulo da armadura e mudou de posição para que o ramo não se prendesse numa das placas. Ergueu-se sobre um joelho, levantou-se e puxou para cima com o máximo de força que conseguiu.

Roiben soltou um grito rouco quando o galho se desprendeu do peito, a ponta de ferro negra de sangue. Os dedos dele tocaram na ferida e ele levantou-os ensanguentados, como se, de repente, não acreditasse que tinha sido atingido.

— Muito corajosa — disse ele, tocando com os dedos molhados na perna dela.

Kaye atirou o ramo para longe. Tremia e quase que conseguia sentir o sabor metálico do sangue na boca.

— Temos de estancar a hemorragia. Como tiramos a tua armadura?

Ele pareceu não entender de imediato. Quando o fez, olhou para ela como que incrédulo. Depois, inclinou-se para a frente com um gemido.

— Presilhas — conseguiu ele dizer.

Kaye sentou-se atrás de Roiben e procurou pelas fivelas no couro.

Um vento repentino sacudiu os ramos acima, fazendo cair gotas de chuva sobre eles, e Kaye perguntou-se, de novo, em relação às fadas nas árvores. Os seus dedos moviam-se depressa. Se aquelas fadas ainda estivessem com medo de Roiben,

talvez não tivessem de se preocupar muito mais. Ele parecia estar prestes a desmaiar.

Para tirar o peitoral, ela precisou não só de soltá-lo da placa de trás dos ombros e das laterais, como também havia presilhas que o prendiam diretamente nas ombreiras e caneleiras. Por fim, ela conseguiu soltar a armadura do peito dele. Por baixo, a pele exposta estava salpicada de sangue.

Ele inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Deixa a chuva limpar.

Ela tirou o próprio casaco e pendurou-o num dos ramos da árvore. A blusa já estava arruinada, lembrou a si mesma quando a tirou. Rasgou-a em tiras compridas e começou a enrolá-las no peito e nos braços de Roiben. Ele abriu os olhos quando ela lhe tocou. Franziu-os e, em seguida, arregalou-os. A cor dos olhos dele era hipnotizante.

Ele endireitou-se, horrorizado.

— Não precisas de fazer isso.

— Tens de tentar manter-te acordado — disse Kaye. — Há algum sítio para onde possas ir?

Ele abanou a cabeça. Tateou perto do corpo, pegou numa folha e passou-a na parte interior do peitoral de couro. Quando terminou, estava de um vermelho brilhante.

— Atira-a para o riacho. Eu... Há lá um kelpie... Não há garantias de que eu vá conseguir controlá-lo com este tempo, mas já é alguma coisa.

Kaye assentiu rapidamente, embora não fizesse ideia do que seria um kelpie, e fez tenções de pegar na folha.

Ele não a largou de imediato.

— Estou em dívida para contigo. Desgosto de não saber como poderei pagá-la.

— Tenho perguntas...

Ele deixou que ela pegasse na folha.

— Vou responder a três, tão bem e completamente quanto estiver no meu poder.

Como num conto de fadas, que era no que ela supunha ter tropeçado sem querer.

— Quando largares a folha na água, diz «Roiben da Corte Unseelie pede o vosso auxílio».

— Para quem o digo?

— Apenas di-lo em voz alta.



Ela assentiu de novo e correu em direção à água. A margem íngreme do riacho estava coberta de vegetação e vidro partido. Raízes, sem a lama que deveria cercá-las, espalhavam-se pelo chão, como os braços pálidos de cadáveres semienterrados. Ela proibiu-se de voltar a pensar nisso.

Agachou-se e largou a folha com o lado do sangue virado para baixo na água. A folha flutuou por ali, rodopiando um pouco. Ela teve medo de que ficasse presa na parte rasa e soprou-a para que fosse mais para longe.

— Roiben da Corte Unseelie pede o vosso auxílio — disse ela, esperando que tivesse dito tudo certo. Nada aconteceu. Ela repetiu, mais alto, sentindo-se tola e assustada em simultâneo. — Roiben da Corte Unseelie pede o vosso auxílio.

Um sapo emergiu e começou a nadar na sua direção. Teria isto que ver com um kelpie? Que tipo de ajuda conseguiriam obter através de um riacho raso e poluído?

Mas, então, viu como se tinha enganado. O que achou ser os olhos de um sapo era, na verdade, buracos que tremeram conforme algo enorme nadava pela água, direito a si. Ela teve vontade de correr, porém a fascinação combinada com a obrigação mantiveram-na imóvel. Os buracos materializaram-se em narinas dilatadas no focinho de um cavalo preto, que saiu da água negra como se fosse criado a partir do próprio riacho. Musgo e lama escorregam pelos flancos da criatura quando

esta virou a cabeça para observar Kaye com olhos brancos luminosos.

Ela não conseguia mexer-se. Quantos minutos teriam passado enquanto ela olhava para aqueles flancos salpicados de cinzento, lisos como pele de foca, e encarava o brilho pouco natural daqueles olhos? A criatura inclinou o pescoço.

Kaye recuou meio passo e tentou falar. Nenhuma palavra surgiu.

A coisa que se parecia a um cavalo aproximou-se; os cascos afundavam-se na lama e partiam galhos. Cheirava a água salgada. Ela recuou mais um passo e tropeçou.

Tinha de dizer alguma coisa.

— Por aqui. — Foi tudo o que conseguiu articular, além de apontar para as árvores. — Ele está por aqui.

O cavalo seguiu na direção em que ela apontou, acelerando para um trote. Apenas lhe restou ir atrás dele, tremendo de alívio. Uma vez na clareira, Roiben já estava montado nas costas da criatura. O peitoral da armadura tinha sido preso de forma aleatória.

Ele viu-a sair do meio das árvores e sorriu. Os seus olhos pareciam ainda mais escuros ao luar.

— Se eu fosse a ti, ficaria longe das fadas no futuro. Somos um povo caprichoso, com pouca consideração pelos mortais.

Ela encarou-o de novo. Havia arranhões na armadura dos quais ela não se lembrava. Será que ele fora atacado? Ele mal conseguia levantar a cabeça antes; era impossível acreditar que tivesse lutado com alguma coisa e vencido.

— Aconteceu alguma coisa?

O sorriso de Roiben abriu-se mais e apagou-lhe o cansaço do rosto. Os olhos dele cintilaram.

— Não desperdices as tuas perguntas. — O cavalo avançou, movendo-se como nenhum outro ser vivo, deslizando por

entre as árvores a uma velocidade e graça sobrenaturais. Folhas levantaram voo devido ao movimento das suas patas. O luar cintilava no seu corpo.

Antes que conseguisse pensar, estava sozinha no bosque. Sozinha e trémula e orgulhosa de si mesma. Foi buscar o casaco e um brilho luminoso chamou a sua atenção. A flecha.

Kaye ajoelhou-se e pegou no galho com a ponta de ferro. Passou o dedo pela superfície áspera e tocou no metal demasiado quente. Um tremor percorreu o seu corpo e ela deixou a flecha cair na lama. De repente, o borque tornou-se ameaçador e ela caminhou o mais rápido que conseguia em direção à estrada. Se começasse a correr, achava que não conseguiria parar.



Kaye enfiou os pés no declive lamacento que marcava o limite do relvado da avó e subiu. Passou pelo caixote de lixo a transbordar, pelo carro avariado, pelas latas de café enferrujadas, presas com arame numa cerca improvisada para uma horta murcha.

Todas as luzes da casa pareciam estar acesas, destacando as cortinas sujas. A televisão tremeluzia na sala.

Ela abriu a porta das traseiras e entrou na cozinha. Panelas e travessas sujas de comida estavam empilhadas no lava-loiça. A tarefa de Kaye era lavar tudo. Em vez disso, ela dirigiu-se ao armário, pegou numa tigela, encheu-a de leite e juntou-lhe um pedaço de pão rançoso. Teria de servir, pensou, enquanto abria a porta com cuidado e deixava a tigela no degrau; afinal, as únicas coisas que provavelmente atrairia seriam os gatos da região.

Kaye esgueirou-se até à sala.

Do outro lado da escada, Ellen estava sentada em frente à televisão, a comer um dos Snickers em miniatura que a avó tinha comprado para dar às crianças no Halloween.

— Deixa-me me paz, foda-se — murmurou ela para a bebida à sua frente.

— Achas que eu não sei de nada. Muito bem, a inteligente és tudo, certo? — disse a avó de Kaye naquele tom de voz demasiado doce que tanto a irritava. — Se és assim tão inteligente, porque estás aqui sozinha? Porque é a tua mãe, velha e burra, a única a acolher-te?

— Ouvi-te dos primeiros milhões de vezes em que o disseste.

— Bem, vais ter de o ouvir outra vez — argumentou a avó de Kaye. — Onde está a tua filha esta noite? É quase uma da manhã! Importas-te sequer que ela ande para aí a deambular, sabe-se lá por onde, esforçando-se tanto para ser igualzinha...

— Não fales da minha filha! — disse a mãe de Kaye, com uma surpreendente veemência. — Ela está ótima. Deixa-a de fora das tuas merdas.

Kaye baixou a cabeça e começou a subir as escadas o mais rápida e silenciosamente que conseguiu.

Viu o próprio reflexo no espelho do corredor, rímel e sombra com purpurinas borrados nas bochechas e por baixo dos olhos, formando correntes secas e cintilantes que pareciam feitas de lágrimas. O batom estava manchado e opaco, formando um arco na bochecha esquerda, onde ela deveria ter esfregado com a mão.

Kaye virou-se para dar uma espreitadela furtiva na direção da sala. A mãe encarou-a, revirou os olhos e fez um movimento furtivo com a mão em sinal para que ela subisse as escadas.

— Enquanto ela estiver a viver nesta casa, vai ter de seguir as mesmas regras que tu seguias. Nem quero saber se

ela passou os últimos seis meses num apartamento infestado de ratos e com os arruaceiros com quem te relacionavas. De agora em diante, essa rapariga vai ser criada de forma decente.

Kaye subiu o resto das escadas e foi para o quarto. Fechou a porta o mais silenciosamente que conseguiu.

A pequena cómoda branca e a cama curta demais pareciam pertencer a outra pessoa. Os seus ratos, Isaac e Armageddon, mexeram-se no aquário que estava por cima da velha caixa de brinquedos.

Kaye despiu-se e, sem se importar com a humidade, com a lama, com nada, subiu para a cama e enrolou-se no cobertor. Conhecia os sinais de uma obsessão; ela assistira à forma como a mãe desejava a fama. Kaye não queria desejar algo que jamais teria.

No entanto, apenas por aquela noite, permitiu-se pensar nele, na forma solene e formal com que ele falou, tão diferente de toda a gente. Permitiu-se pensar nos olhos faiscantes e no sorriso enviesado.

Kaye caiu no sono como se fosse água a fechar-se sobre a sua cabeça.

NÃO HÁ FADAS TÃO TERRÍVEIS COMO ESTAS...



Ao salvar um misterioso cavaleiro de cabelo prateado, Kaye vai envolver-se na antiga e violenta luta pelo poder entre o Reino das Trevas e o Reino da Luz — uma luta que pode muito bem significar a sua morte.

Agora, ela vai ter de combater a magia sombria das cortes feéricas, descobrir a verdade sobre si mesma e proteger muito bem o seu coração.



O REINO SOMBRIO E SEDUTOR DAS FADAS CAPRICIOSAS E CRUÉIS DE HOLLY BLACK ESTÁ DE VOLTA EM MAIS UMA SÉRIE APAIXONANTE.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-325-2



9 789895 833252

